

## **O futuro do mercado segurador brasileiro**

Francisco Galiza, Mestre em Economia (FGV)

Setembro/2001

Foi-me dado como tema escrever sobre o futuro do mercado segurador brasileiro. Escrever sobre o futuro?! Existe algo mais difícil? Será que, de fato, somente tolos se aventuram por este campo? Quem poderia prever uma subida de Hitler, num dos países mais cultos do mundo? Quem poderia prever a queda do muro de Berlim até que ela, de fato, aconteceu? Ou, mais recentemente, uma queda nos preços das empresas de tecnologia? Poucos, talvez, e quase sempre condenados ao mito de Cassandra; sim, com o dom correto da profecia, mas carregando o preço da desconfiança pelas suas previsões. Enfim, de qualquer maneira, vamos tentar e, para escrevermos sobre o futuro (ou sobre qualquer coisa, na verdade), precisamos de um elemento básico: informação. Aí começa outra dificuldade! Aquela citação pode ser um pouco exagerada mas, sem dúvida, é também célebre e engraçada: “A informação que se tem não é a que se quer/A informação que se quer não é a informação que se precisa/A informação de que se precisa não é a informação que se pode obter/A informação que se pode obter custa mais caro do que se pode pagar”.

Mesmo com todas estas dificuldades, muitas extrapolando o campo econômico e se desviando pelos caminhos da filosofia, é necessário ter uma opinião sobre o que acontecerá neste mercado – ou seja, o futuro do mercado de seguros. Afinal, para que servem os economistas? Entretanto, mesmo diante deste desafio, iremos com cautela, correndo poucos riscos, escolhendo apenas alguns tópicos (dois, para ser mais exato). Assim, possivelmente, as nossas margens de erro diminuirão.

Primeiro, o tamanho do mercado segurador brasileiro. Acredito que a maioria das pessoas que estão lendo este texto devem saber que este setor representa hoje 3% do PIB (considerando seguros, previdência e capitalização, naturalmente). A primeira pergunta que vem logo, após esta frase tão repetida, é a seguinte: E isto é bom ou é ruim? E a resposta é: depende do enfoque. Comparado à evolução histórica do país, é uma maravilha. É o número mais alto da história brasileira, não há dúvida. Já quando comparamos a outras economias, o otimismo diminui muito, sobretudo na área de seguro de vida. Neste ramo, a nossa participação chega a ser menor (em termos brutos mesmo, em relativos nem se fala) do que em países bem menos desenvolvidos do que o Brasil, é só conferir os números.

E, para o futuro, o que esperar? Bem, mantidas, as devidas taxas de crescimentos, e sem otimismo ou pessimismo exagerado, podemos esperar uns 4% para daqui a 5 anos. Nesta hipótese, não está incluída nenhum fato extraordinário como, por exemplo, a privatização dos seguros de acidentes de trabalho, que poderia representar atualmente, no melhor das hipóteses, de 0,3% a 0,4% do PIB. É importante lembrar que, em 1960, os seguros de acidentes de trabalho representavam 25% do mercado segurador brasileiro; por coincidência, hoje, a mesma proporção relativa do seguro saúde que, antes, praticamente não existia. Estas situações novas, ressaltamos, são hipóteses que, naturalmente, podem ou não acontecer e, assim, a precaução deve ser o mais recomendável.

Um segundo aspecto que gostaríamos de abordar se refere aos resultados das seguradoras. Pode parecer estranho para quem não acompanha diretamente os números destas empresas que, por razões de ofício, eu faço há um certo tempo. Mas, as margens

de rentabilidade do mercado segurador brasileira são extremamente precisas. Fora um ou outro período extraordinário, e ano após ano, a relação Lucro Líquido/Prêmios Ganhos média sempre se situa entre 8% a 10%. Adicionalmente, se considerarmos uma relação Prêmios Ganhos/Patrimônio Líquido de 2 a 3, chegamos a uma margem de rentabilidade sobre o Patrimônio Líquido de 15% a 20%. É este o número que temos que ter na cabeça, como padrão do mercado segurador brasileiro. Ou seja, é um setor lucrativo, daí (mais que natural) o interesse de seguradoras estrangeiras neste segmento. E para o futuro? Bem, pelos últimos números, nada leva a crer que esta tendência mude e sem otimismo exagerado.

Fazer previsões é um terreno perigoso onde, muitas vezes, ilustres já se iludiram, quase em um processo de auto-engano. Neste pequeno texto, não quisermos correr riscos, nos detendo em duas variáveis que têm mantido uma relativa regularidade. O futuro, porém, dirá se mesmo assim tivemos sucesso.